

## CRÓNICA 579 Em memória do meu amigo Cristóvão de Aguiar 10.7.2024

*Em julho 2024, um dos filhos do autor em epígrafe mandou-me retirar tudo que dele consta no meu blogue. A minha amizade com o autor durou uns largos anos, para além da sua marcante participação nos Colóquios da Lusofonia (2009). Disso não fiz segredo nos livros *CrónicaAçores*, e como os textos são meus e começa a esvaír-se no esquecimento profundo do público a memória daquele autor, resolvi retirar do baú esses textos e partilhá-los aqui para quem não adquiriu o *CrónicaAçores*.*



### 1 PASSAGEIROS COM POUCO TRÂNSITO

Parado no aeroporto da Horta, não sou o Passageiro em trânsito do Cristóvão de Aguiar, nem transporto o Fogo Oculto do Vasco Pereira da Costa, antes deixo que os ponteiros do relógio caiam lentamente, minuto após minuto, por entre o linguajar dos que, comigo, esperam um avião.

Como sempre acontece, quando excursiono nestas ilhas atlânticas, nunca tenho vontade de partir: impérvio, permaneço sentado, quase imóvel, no pátio de observação do aeroporto da Horta. Estou de frente para o Pico que me pisca o olho, sorrateiro, por entre as nuvens, escondendo-se, amiúde, dos meus olhos perscrutadores. Ao contrário do Cristóvão não carrego a ilha e a que transporto não é outra.

Não trago a reboque este arquipélago, mas deixar a ilha é sempre uma partida sem regresso marcado, como quem faz um luto indesejado ao correr dos dias. Não levo comigo a dor nem a lágrima furtiva, apenas acalento o desejo do regresso numa noite de luar como o de ontem.

---

### 2. A MAGIA E O MAGNETISMO DO PICO ATRAEM, SERÁ AQUI O ABISMO?

Era apenas dia 27, mas no aeroporto concentravam-se já cinco voos neste final de férias de agosto 2009, dois para Lisboa, um para o Porto, o do Pico e o das Flores. Apenas sete pessoas nos antecederam na fila de “check-in” quando os computadores avariaram. As filas pararam mais de 40 minutos e rapidamente cresceram. Mais de uma centena de pessoas. O ar era irrespirável com o calor e humidades próprios da época e do local. A habitual cortesia e hospitalidade do operador aéreo (SATA) para com os clientes e passageiros levou a nada comunicar sobre o acontecido. Fizeram bem, pouparam preocupações aos passageiros sobre assuntos que lhes não diziam respeito. A turba acumulava-se incomodada naquela sala, que bem podia ter sido retirada duma cena de “O Passageiro em trânsito”, opus magister, do Cristóvão de Aguiar. As línguas entrecruzavam-se com os idioletos dos emigrados que não falam nem português nem inglês. Numa banda desenhada os olhares atónitos dos estrangeiros surgiriam acompanhados de balões com pontos de interrogação desconuais. O silêncio imperava nos altifalantes contrastando com o alvoroço dos candidatos a viajantes.

Isto das ilhas tem muito que se lhe diga, umas estão de costas voltadas para o mar, como S. Miguel, e outras há que não vivem sem ele, como o Pico. Sei que é uma questão de tempo até começarem a zurzir em nós, forasteiros que ousamos opinar sobre este arquipélago. Quando se perora sobre as nove filhas de Zeus urge não melindrar os interesses estabelecidos. As visões críticas ou não conformadas aos cânones podem acarretar sérios riscos para a saúde mental dos seus autores. Vozes críticas ou arredadas dos estereótipos não são benquistas.

*Foi o que aconteceu ao amigo, o mal-amado escritor Cristóvão de Aguiar. Apodaram-no de tudo e mais alguma coisa, pois convém sempre ser mais papista que o papa. Em meios pequenos é consabida a tendência para apoucar aqueles que das leis do esquecimento se desembaraçaram, como diria o vate, enquanto o imperador e séquito distribuem viagens e mordomias. Terras pequenas, invejas grandes, a reprodução do mote popular “a minha festa é maior que a tua”.*

### 3. SOBRE O PICO...

*Eu recebi “avisos amigos” para os perigos quando o convidara a estar na Lagoa em março de 2009 para o 4º encontro açoriano da lusofonia (11º) e em outubro para o 12º colóquio (anual) da lusofonia em Bragança. Congratulo-me que, relutantemente, Cristóvão tenha acedido. Ao longo de cinco meses trocamos correios eletrónicos e telefonemas criando uma amizade saudavelmente aberta e crítica. Estava eu carecido de aprender mais com este enigmático personagem que tantos cuidados incutia aos defensores da paz podre açoriana. Como acumulei milhas no cartão de viandante frequente aceitei a sua hospitalidade para uns curtos quatro ou cinco dias no Pico que Cristóvão assumiu como segunda pátria.*

Levantei a viatura de aluguer no aeroporto, depois de ter tomado um indistinto café (a “italiana” habitual) de infeliz sabor indistinto, num bar indistinto pachorrento como as indistintas vacas picoenses, enquanto me ajustava ao calor e humidade. Metemo-nos a caminho por essas boas estradas que a ilha do Pico tem. Fazem inveja às restantes ilhas, pois nenhuma foi bafejada com tanta reta asfaltada. A maior terá mais de 9 km... Apesar de cá ter estado, apenas por duas vezes, senti que a ilha era uma velha conhecida e o mapa das estradas continuou guardado na pasta dos documentos. Fomos almoçar ao Clube Naval de S. Roque com bom serviço de “buffet” ao preço de 7.00€ e café incluído. O Cristóvão de Aguiar proclamou-se guia e, depois, levou-nos às Lajes à “Semana dos Baleeiros” que ocorre sempre após a “Semana do Mar” na Horta. Tive de mudar a anterior opinião sobre as Lajes logo que visitamos o que resta das muralhas do forte (ora reconstruídas e aproveitadas como espaço turístico) e o Centro de Artes e Ciências do Mar (na antiga fábrica da baleia SIBIL, que se dedicou à transformação dos grandes cetáceos em óleos e farinhas). Havia lá uma moderna livraria, à época a única digna desse nome naquela ilha do triângulo. Nela encontramos inúmeros livros para acrescentar à coleção de autores açorianos. Em amena cavaqueira dizia o Cristóvão que tinha conseguido algo que eu almejava, ver alguém a ler um livro seu num jardim de Coimbra.



Nesquim 2009



S Miguel Arcanjo, S Roque, Pico 2009



A surpresa foi ver o meu último livro, de 500 páginas, “CHRÓNICAÇORES uma circum-navegação, volume 1”, incluído na “literatura açoriana” e foi, então, que a jovem funcionária, Cláudia de sua graça, declarou que o tinha adquirido e estava a lê-lo em casa. Autografei outra cópia, com o ego exultante por estar ao lado dum célebre autor e ser eu a autografar o primeiro volume numa futura e pretensiosa trilogia. Claro que após este incidente, as Lajes do Pico pareceram mais bonitas, soalheiras e convidativas do que em visitas anteriores.

Vi a expansão do Museu dos Baleeiros instalado nas três casas de botes do século XIX. Este Museu é único na Europa. Além de expor uma interessante coleção de “scrimshaw” tem uma biblioteca com documentos, mapas, cópias de livros de bordo e uma “tenda de ferreiro” onde é possível aprender como eram fabricados os utensílios usados na caça da baleia (mais tarde ali encontraria vários livros meus).

Sentamo-nos numa esplanada na marginal a dessedentarmo-nos, enquanto se punha a conversa em dia, antes de subirmos ao Alto da Rocha do Canto da Baía para visitar a “Cabana do Pai Tomás”. Satisfiz, finalmente, a curiosidade de visitar a casa de Dias de Melo. Nas viagens anteriores (2007) ainda não conhecia o autor. Ali, espartanamente vivera, numa casa pequena e humilde, de dois pisos, ora telhada de novo mas com o desconforto da minúscula casa de banho exterior no piso térreo. Em cima, o autor dormia, comia e escrevia. Do pátio exterior avistava-se a imensa mancha de Mar Oceano pontuada à direita pelo pequeno farol da Calheta de Nesquim que serviria de inspiração a tantos dos seus livros.

*Após 4 dias e cinco noites de convívio intenso e aprendizagem ilimitada na ilha do Pico, estava já em posição de aceitar que Cristóvão tinha razão quando falava sobre a literatura açoriana...*

Depois de ler quase todas as obras de Dias de Melo, salvavam-se a trilogia dos baleeiros, o livro mais intimista “À Boquinha da Noite (2001) e pouco mais. Daniel de Sá tem como uma das melhores obras, a novela “O Pastor das Casas Mortas” e “Ilha grande fechada” (1992). Ressalvava bons textos que surgiram em guias de turismo como “Santa Maria Ilha-Mãe”, “S. Miguel, a ilha esculpida” e outro sobre a Terceira. Entretanto, já lera outros poetas e escritores açorianos espantosos. Martins Garcia era um deles... O problema é que sem querer metera-me (e aos Colóquios) numa toca de lobos de interesse esconsos e panelinhas em que pontificam menos valias. Ora bem, a minha autocrítica ao fim de 4 dias perante o Cristóvão, escritor maldito e malquisto nas hostes açorianas, era a seguinte: embandeirara eu em arco, louvando exageradamente, adjetivando em excesso e elevando aos píncaros alguns sem separar o trigo do joio. Gostava já do Cristóvão, do Daniel e do Onésimo. Deles era amigo, mas existiam outros para desvendar. O Cristóvão foi o meu mentor nesse processo. De dezenas de obras já lidas e folheadas a maioria não tinha a tal qualidade de que Cristóvão tanto falava. Sendo um forasteiro deixara-me iludir pela açorianidade, pela beleza narrativa das ilhas e costumes ancestrais. Embalara-me no canto das sereias. Sei que incorrera numa possível falácia de tomar a nuvem por Juno e louvaminhado em excesso os autores que os colóquios divulgaram. Teríamos de ser mais parcios nos encómios. “O Pastor das Casas Mortas” fora já traduzido por mim para inglês. Dias de Melo até para japonês fora traduzido. Cristóvão ainda não. Nem outros escritores e poetas que o mereciam. Um crime de lesa literatura. Dias de Melo e Daniel de Sá já têm uma editora a traduzi-los

e divulgá-los, falta fazer o mesmo para Cristóvão de Aguiar, um escritor universal com uma vastíssima obra. Os Açores são uma réplica miniatural da corte lisboeta. As elites não perdoam aos que não comungam da verdade única com força de dogma. Cristóvão escreve com uma pluma incómoda. Reservou-se um papel de narrador que pensa, fala e escreve sem recorrer aos lugares comuns que tanto gáudio causam na população. Não reivindica verdades absolutas ou duradouras, limita-se a descrever o que sente e vê. Criaram-lhe a fama de irascível (quantas vezes com justas e fundadas razões?).

No segundo dia da estadia, abusando da paciência do Cristóvão, que ficou, à nossa espera, no ar condicionado na receção da Gruta das Torres (já conhecia e não queria visitar) descemos às catacumbas do vulcão. Conhecida pela altura e beleza da montanha que lhe deu nome e das paisagens que se desfrutam do alto das suas vertentes, a Ilha tem ali o verdadeiro contraponto das alturas e um atrativo não menos pitoresco. As Grutas estavam fechadas na nossa estadia no natal de 2007 e ainda só 500 m estão abertos ao público. Em boa hora as visitei. Todos os minutos foram de uma descomunal aprendizagem e de algum temor. Há rochas enormes prestes a descolarem do teto. Uma visita surreal que parecia retirada de uma cena do filme “À procura da arca perdida” sendo os visitantes os “salteadores”. O momento culminante foi quando se apagaram as lanternas de mão e as luzes do capacete de mineiro. Ficamos trinta segundos à luz natural do enorme tubo lávico. As cores, as formas e a explicação científica da jovem guia ajudaram a perceber a formação daquele e doutros vulcões. O interior é rico em formações e estalagmites lávicas, bancadas laterais, **lava balls**, paredes estriadas e lavas encordoadas. Estas visitas fazem sentir a pequena dimensão humana face à natureza mãe que tudo cria e destrói. O sistema formou-se quando a lava *pahoe-hoe* desceu do cone parasítico do Cabeço Bravo há 500 - 1500 anos. Trata-se da maior gruta açoriana (5 439 m.) com a altura de 15 m., na entrada que se faz por um algar.

O restante tempo, dias, tardes e noites picoenses foram ocupados com leituras, discussões e uma enorme aprendizagem. Muito descobri naqueles dias com essa enciclopédia de conhecimentos e de livros que é Cristóvão de Aguiar, convidado especial do Colóquio da Lusofonia.

Aturdido fiquei ao ver totalmente seca a mais bela lagoa de todas: a do Paul, mirrada, sem as manifestações espontâneas de árvores endémicas como espigos-de-cedro (*Arceuthobium Azorica*) nas suas margens e onde dantes havia água pastavam uns três cavalos.



Lagoa do Paul - Antes (2007) e depois (2009)

As gentes do Pico são afáveis e hospitaleiras como nas restantes ilhas que já visitei, contudo, um incidente ao almoço no restaurante Canto do Paço, Prainha, levantou interrogações. Domingo. Sala com todas as mesas ocupadas, mais o andar de baixo. Restavam duas mesas ao ar livre. Uma funcionária veio servir-nos.

Pelo sotaque era afrodescendente de escravos. Disse ser de Pernambuco, apaixonada por um Picaroto e em má hora para ali fora viver. Sem rodeios afirmou que os locais eram racistas tratando mal os de fora e desdenhando dos que aceitam empregos que os da terra recusam.

A viagem da jovem seria um tema interessante para desenvolver. Podia-se fantasiar que sendo ambiciosa e de vistas largas, se colocara em frente a um globo terrestre e se interrogara para onde ir viver. Uma terra começada com a letra “P”. O dedo mindinho, que tudo sabe, caíra no meio do oceano. Sob a lupa uns pequenos pontos de terra. Neles estava inscrito o nome Pico. E também Prainha. Ambos começados por “P”. Uma viagem de navegação curiosa entre Pernambuco – Pico (Prainha). Já afirmei que os portugueses eram preconceituosos, racistas quanto à cor e origem dos que com eles se cruzam, olvidados que andam dos seus percursos.

Mas são também esses mesmos portugueses que sempre denotaram um invulgar carácter e inventividade. Atualmente, é proibido por força de lei, anunciar nas viaturas particulares que estas estão à venda. Pois bem, na longínqua ilha, afastada dos centros de poder inventaram nova modalidade comercial “Troco Por Euros”. Não infringem a lei pois não vendem a viatura nem anunciam a venda. Apenas a trocam por euros. A troca não é proibida. Saí do restaurante devastado pela mácula nas gentes da Prainha face à compatriota que ali arribara, mas simultaneamente enternecido pela invenção da “troca por euros”. Ao chegar a casa, parei no café Refúgio, em pleno centro de São Miguel Arcanjo, onde me ofereceram, graciosamente, o café por ser o último que ali tomava. Andados uns passos, rumo à casa do escritor, deparei com uma camioneta de passageiros ali estacionada, aguardando o começo da semana para voltar a trabalhar. Acorreu-me a ideia peregrina de como seria uma aventura “pedir emprestada” a carripiana, começar a percorrer as aldeias (ditas freguesias nas ilhas) e gravar as histórias que os passageiros fossem contando. A viagem não teria destino. Duraria tanto quanto as histórias dos passageiros. Não seriam cobrados bilhetes. Pararia em todos os locais, podendo deter-se para que fossem contadas as histórias e lendas do local onde paravam. Que livro maravilhoso não daria esse compêndio de histórias apanhadas ao acaso daqueles que tomassem o autocarro dos sonhos.

*Nove dias após partir de São Miguel Arcanjo na ilha mágica ainda reverberavam os encantos daquela.*

Chrys Chrystello, Jornalista, Membro Honorário Vit alidao nº 29 7713 [Australian Journalists' Association - MEEA]

drchryschrystelllo@journalist.com

Diário de Trás-os-Montes (2005) - Diário dos Açores (2018) - Tribuna das Ilhas (2019) -  
Jornal LusoPress, Québec, Canadá (2020) - Jornal do Pico (2021)